



***AGRICULTURA FAMILIAR E ORGANIZAÇÃO PRODUTIVA: a práxis rural da
mulher agricultora/feirante em Parintins-AM¹***

Alline da Silva PRESTES²
Sandra Helena da SILVA³

RESUMO

Este artigo objetiva analisar como se organizam as práticas agrícolas familiares de mulheres feirantes de Parintins, em específico as que realizam suas vendas no entorno do Mercado Municipal. A agricultura na Amazônia tem se desenvolvido em conjunto as peculiaridades presentes no ecossistema regional, balanceado entre os ambientes de terra firme e várzea. No ambiente amazônico os agricultores familiares desenvolvem estratégias e técnicas para adaptar a produção à dinâmica dos ciclos das águas. Dentre os atores sociais da agricultura familiar, a mulher tem fomentado conhecimentos para evolução e manutenção das atividades agrícolas. Estas têm suas vivências associadas a uma diversidade de atividades - na agricultura, pesca, atividades domésticas e a comercialização de sua produção. Em meio a todas estas ações, as agricultoras/feirantes são parte fundamental para a construção cotidiana da práxis rural em suas comunidades.

PALAVRAS-CHAVE: Agricultura Familiar; Mulheres; Organização Produtiva.

Introdução

A agricultura familiar é historicamente um dos primeiros mecanismos de produção e sobrevivência dos grupos humanos, tendo como base a presença de todos os membros envolvidos na produção. Em tempos hodiernos é uma atividade que mantém a sobrevivência de inúmeras famílias, em especial no Brasil em que aproximadamente 84,4% dos estabelecimentos agropecuários do país são pertencentes à prática da agricultura familiar.

A presença da mulher neste ambiente agrícola familiar é basilar para o desenvolvimento e manutenção do plantio, bem como das demais atividades relacionadas à organização deste tipo de produção. Este contexto não difere em relação a realidade das agricultoras/feirantes localizadas ao entorno do mercado municipal de Parintins/AM.

O saber fazer destas mulheres no âmbito da agricultura familiar tem referência nas práticas repassadas entre avós, mães e filhas. A construção geracional deste conhecimento é aliada a inserção de demais estratégias para sobrevivência. A constituição agrícola na

¹ Trabalho apresentado no GT 13 – Gênero, Agroecologia e Agricultura Familiar do III Siscultura.

² Bacharela em Serviço Social pelo ICSEZ/UFAM. E-mail: prestes.alline@gmail.com

³ Doutora em Ciências do Ambiente e Sustentabilidade na Amazônia pela UFAM. E-mail: sandrahsf@gmail.com



Amazônia tem como base fundamental a participação do grupo familiar, em especial a participação feminina nas produções e demais áreas da vida social.

Frente a este contexto o presente artigo buscou analisar como se organizam as práticas agrícolas familiares de mulheres feirantes de Parintins/AM, que realizam suas vendas no entorno do Mercado Municipal. Para tanto, este estudo utilizou como base teórica o paradigma dialético da complexidade e como delineamento de pesquisa o estudo de caso. A associação desse paradigma como o estudo de caso permitiu um melhor aprofundamento do tema abordado, uma flexibilidade no uso de instrumentos e técnicas de pesquisa. A análise foi realizada a partir de entrevistas realizadas com 6 mulheres agricultoras/feirantes que comercializam no entorno do mercado municipal.

Os dados obtidos evidenciam a agricultura familiar na Amazônia enquanto atividade mantida em razão da participação de todos os componentes do grupo, nas diversas atividades dispostas. A ação do ser mulher agricultora é vetor diferencial nos cultivos e demais produções, caracterizando-a como protagonista na agricultura familiar.

A Agricultura Familiar: dos primórdios à adaptação nas várzeas amazônicas

A agricultura foi um dos primeiros mecanismos de produção organizada pelos homens, por meio de cultivos e criação de animais, para atender as necessidades do coletivo, em especial de alimentação e proteção (MAZOYER; ROUDART, 2010). A produção agrícola contribuiu significativamente para a organização social dos indivíduos em comunidades. Foram criadas as moradias, o sedentarismo foi dando lugar a domesticação de animais, sistemas de plantio, divisão dos afazeres por sexo e idade, formação de grupos enquanto família, dentre outras organizações laborais.

As formas de desenvolver o cultivo e a agricultura diferenciam-se com o passar dos anos, ferramentas são substituídas por inovações marcantes no acréscimo da produção de alimentos. Destaca-se primeiramente a Revolução Agrícola, no séc. XVIII, durante a Idade Média, seguido pela Segunda Revolução Agrícola, em meados do século XIX. Posteriormente, um marco nos processos de agricultura centra-se na Revolução Verde, a partir da década de 60, representada pela modernização agrícola.

Apesar destas transformações históricas, a agricultura de base familiar permanece e acompanha novas demandas econômicas, políticas e sociais. Martins (1999) enfatiza este tipo de agricultura como instituição de reprodução da família, onde a organização



produtiva é orientada não somente pelo ângulo da produção/lucratividade. A exploração agrícola não se subordina de imediato ao ciclo capitalista. Carmo (2000) afirma a prioridade das necessidades e objetivos do núcleo familiar.

Tedesco (1999) caracteriza o agricultor familiar como sujeito que tem na agricultura a fonte primordial de renda, fazendo uso, na produção, da força de trabalho de seus familiares. Portanto, os principais atores deste modo de cultivo são membros da unidade familiar pela sobrevivência desse grupo, quando há necessidade de mão de obra, ocorre a contratação temporária de outros trabalhadores, geralmente moradores conhecidos da localidade.

O desenvolvimento do trabalho na agricultura proporciona ao ser humano criar, transformar e produzir, projetando-se de maneira criativa e autoprodutiva (LUKÁCS, 2012). Para além de alterações no ambiente externo, por meio de suas atividades, transforma a si mesmo (NETTO; BRAZ 2006).

As práticas de agricultura variam de uma localidade a outra, bem como são diferenciadas por época e regiões do mundo, em diversos espaços podemos identificar uma organização por gêneros muito variados (rizicultura irrigada⁴, pastoreio, cultivos associados, arboricultura⁵, etc.) (MAZOYER; ROUDART, 2010, p. 44 -59).

Na Amazônia, vemos a presença humana há mais de 12 mil anos, desde os primeiros paleoíndios, com organização intensa, chegando à formação de grandes cacicados na região. O perfil das formas agrícolas é de caráter complexo, com diferenciações ecológicas, regionais e socioculturais. Onde os sistemas mistos de cultivo predominam, diferindo do padrão de monocultura, com moldes europeus (NEVES 2000).

Os modos de agricultura familiar praticados na Amazônia desenvolvem um amplo conjunto de práticas e regras culturais peculiares aos ambientes, direcionados ao uso e manejo dos recursos naturais da região (DÁCIO, et al., 2013). O uso destes recursos, além de evidenciar a adaptação do ser humano à natureza, reflete os fatores limitantes do ambiente amazônico.

Na região, temos a dualidade entre terrenos de várzea e terra firme, marcando fortemente as vivências, moradias, cultivos e demais relações mantidas pela população.

⁴ Cultura de arroz com técnicas avançadas de irrigação obtida a partir da gravidade (pontos mais elevados, açudes ou vertentes naturais) (MAZOYER; ROUDART, 2010).

⁵ Ciência que compreende a seleção, propagação e talha de árvores ou arbustos, assim como o estudo de seu crescimento. Disponível em: (www.educalingo.com/pt/dic-pt/arboricultura.htm).

Adams et al. (2005) compreende que os ambientes de várzea e terra firme apresentam oportunidades e percalços diferenciados.

A terra firme, é caracterizada enquanto um sistema de expressividade na região, compreende-se como um ecossistema⁶ onde o terreno, fauna e flora não são atingidos pelas inundações anuais, por estarem situadas em relevos mais elevados. Essa característica favorece a proliferação de árvores de grande porte.

A terra firme obedece ao ciclo anual imposta pelas chuvas, conhecido pelo agricultor familiar como período chuvoso, em alternância com a seca. Dentre alguns produtos cultivados em terra firme, em áreas amazonenses, pode-se destacar a mandioca/macaxeira, bem como frutas e legumes: melancia, alface, Banana, mamão, couve, e demais variedades presentes na região (LOURENÇO, 2013).

Em contraste a terra firme, temos a várzea, um ecossistema amazônico diferenciado, altamente dinâmico onde ocorre processos de erosão, transporte e deposição de sedimentos fluviais. Apesar da riqueza de nutrientes nos solos, há riscos intermitentes neste ecossistema, promovido pelo movimento das águas: enchentes e vazantes. Este ambiente, por apresentar altos riscos às atividades de agricultura, como já mencionado pelo fato das variações sazonais, tem grande impacto sobre o *status* da subsistência e a qualidade de vida das famílias e demais indivíduos habitantes destes locais.

Na região, os primeiros habitantes destas áreas foram os indígenas, ocupando extensas faixas de terra para produção agrícola de baixa produtividade e técnicas rudimentares; o processo ocorria anualmente com a verificação no nível baixo dos rios. Com o contato da população europeia no ambiente amazônico, (FEARNSIDE, 1989), relata a inserção do denominado “caboclo” nos ambientes de várzea, utilizando a terra de maneira menos extensiva.

Atualmente, a agricultura desenvolvida nestas áreas é acrescida por culturas anuais e pecuária extensiva, realizando o aproveitamento de pastagem nativa para alimentação do gado, além da presença da pesca. Há também a presença no cultivo de frutos, como banana (e suas variedades), maracujá, mamão, açaí dentre outras espécies frutíferas.

⁶ Ecossistema é um conjunto formado pelas interações entre componenetes bióticos, como os organismos vivos: plantas, animais e micróbrios, e os componentes abióticos, elementos químicos e físicos, como ar, a água, o solo e minerais. Disponível em: (www.oeco.org.br/dicionarioambiental.htm).



A ocupação humana na Amazônia indicou a capacidade do ser humano em desenvolver formas de adaptação e cultivo em ecossistemas de evidente heterogeneidade: várzea e terra firme. As limitações características de cada um são promotoras de diversas estratégias refletindo no desenvolvimento cultural, ecológico e social, ligada diretamente ao perfil de uma agricultura regional complexa.

A presença da mulher na agricultura: O protagonismo produtivo feminino

No desenvolvimento das atividades agrícolas, a mulher evidencia-se enquanto ator social na formação das técnicas e manejo dos recursos disponíveis no ambiente. Garcia (2012) denota a presença feminina desde o período paleolítico, no processo de coleta de sementes, vegetais e caça de pequenos animais, a manutenção regular da alimentação do grupo, cabia quase que exclusivamente as mulheres.

Murano e Boff (2010) destacam as mulheres como principais produtoras de cultura, nos moldes matriarcais, onde estas detinham funções predominantes nas sociedades antigas. Portadoras de grandes poderes produtivos e políticos “mediavam, solucionavam conflitos e organizavam as sociedades”.

Suas responsabilidades estavam ligadas diretamente aos clãs, pelo bem comum. O modo de viver e conviver pautava-se nas coerências com a natureza. Tendo a atitude cotidiana pensada no coletivo, a colaboração constante na busca pela subsistência, pela alimentação e segurança do grupo. Adquiriam, desta forma, novos modos de produção para manter os sujeitos, “introduzindo agricultura mediante cultivo de plantas e domesticação de animais” (MURANO; BOFF, 2010).

Nesse sentido, a relação ser humano – natureza se fortifica a partir da interação do ser feminino com as primeiras práticas no cultivo e coleta, elas detêm a fé na capacidade provedora do ambiente, desenvolvendo nestas relações, diversas técnicas e avanços. Sua presença se fortalece na Primeira Revolução Agrícola, entre séculos XI à XIII, e reverbera em tempos hodiernos tendo papel fundamental nas ações de sustentabilidade em espaços agrícolas.

A presença da mulher é recorrente ainda na história amazônica, onde as indígenas tinham participação na caça, pesca, mariscagem, bem como a transformação de matérias primas diversas. Simonian (2009) relata a dedicação à inserção de novos cultivos, com

foco nos policultivos, por meio da recepção e reprodução de formas agrícolas entre as gerações e outras mulheres ao largo do rio.

Essa configuração assemelha-se as sociedades tradicionais não indígenas da Amazônia, onde Chaves e Rodrigues (2016) referenciam a mulher com valor cultural diferenciado do ser masculino. Estas têm participação social contínua na organização laboral e na economia doméstica.

O repasse geracional destas atividades é percebido nas agriculturas regionais, sobretudo nos cultivos de várzea no Amazonas. Frente ao ciclo das águas, as estratégias e adaptações advêm das heranças indígenas em conjunto a outras representações étnicas (europeus, nordestinos, japoneses, etc.).

Neste agroecossistema, as mulheres desenvolvem seus cultivos em roça ou quintais, canteiros suspensos, cultivos de plantas medicinais, extrativismo vegetal, criação de aves, dentro outros animais domesticados para consumo e/ou comércio pelo grupo familiar (NODA, 2007; SIMONIAN, 2009; TORRES, 2009).

Além das atividades agrícolas destinadas as mulheres, há também a responsabilidade pelo âmbito doméstico, cuidados com os filhos, companheiros, alimentação e gerência das necessidades da casa. Neste sentido, observamos a multiplicidade do trabalho direcionado a estas, envolvidas na organização agrícola, produção e reprodução da unidade familiar (PACHECO, 1997).

Estas mulheres são envolvidas intimamente com atividades das comunidades amazônicas, a partir dos laços culturais e sociais constituídos. Assim, expressam o sentimento de pertença ao coletivo, no desenvolvimento em diversos acontecimentos da vida local: festas, puxiruns, reuniões religiosas, e demais atividades (CHAVES; RODRIGUES, 2016, p. 82).

As estratégias utilizadas na produção feminina nas várzeas perduram enquanto papel crucial da dinâmica familiar. Para além de fatores produtivos, mas também como vias de reprodução, “pois são elas as responsáveis por preservar e transmitir valores tradições, os quais são vistos como estratégias de manutenção da qualidade de vida dessas agricultoras e das gerações futuras” (MESQUITA, 2013, p. 43).

A partir destes conhecimentos e práticas, além de uma alternativa para subsistência do grupo, as agricultoras tendem a desenvolver, no ambiente de várzea, a sustentabilidade em interação a este agroecossistema. Siliprandi (2009) denomina a

sustentabilidade como a “capacidade destes processos perdurarem no tempo, conciliando a atividade agrícola e a manutenção das características ecológicas do ambiente, proporcionando meios de vida dignos para as pessoas envolvidas”.

Nesse sentido, destaca-se a forma de interação da mulher –agricultura – família, com caracteres aliados a compreensão da multifuncionalidade, contendo a inter-relação de múltiplas funções presentes na agricultura familiar, no eixo produtivo ou não. Tem-se a atividade agrícola em contraste “as complexas relações com a natureza e com a sociedade, que moldam as formas particulares de produção e de vida social” (WANDERLEY, 2003).

No seio desta discussão sobre o trabalho destas mulheres as formas de trabalho são aliadas ao dispêndio de forças empregado em suas ações. Torres (2012) destaca as atividades pesadas realizadas pelas agricultoras no cultivo, em conjunto as atividades domésticas, caracterizando dupla jornada de trabalho, dentro e fora de casa.

Nestas configurações laborais do ser mulher, o trabalho emerge enquanto realização e desenvolvimento humano destas. A partir de suas ações, integram o sistema produtivo, agregando a maturação, o *status* e desenvolvimento social no ambiente vivenciado. Neste aspecto a mulher se configura enquanto “sujeito vivo do sistema simbólico” (TORRES, 2012).

O desenvolvimento da práxis feminina se dá nesta comunicação cotidiana entre trabalho em cultivos, organização da produção e gerência das atividades domésticas. Morin (2008) citado por Silva (2015) denota estas atividades como geradoras de transformações, produções, performances a partir de uma competência.

Cotidiano e trabalho das mulheres agricultoras/feirantes: organização produtiva e práxis rural

Na margem direita do caudaloso Rio Amazonas, está localizada a cidade de Parintins, distante 369 quilômetros da capital Manaus, extremo oeste do Estado. Com cerca de 113.832 mil habitantes, de acordo com estimativas do Censo IBGE 2017, é considerado o segundo município mais populoso do Amazonas além de ser reconhecida mundialmente pelo Festival Folclórico de Parintins.

Há dois tipos de ecossistemas preponderantes neste município, várzea e terra firme, que modelam as características e cotidiano dos seus habitantes. A organização

econômica se desenvolve em diversos segmentos, tendo destaque o do setor primário, por meio da agricultura, pecuária, pesca, avicultura e extrativismo vegetal. Parte dessas produções são destinadas à venda e os produtos são comercializados nas feiras do município.

Uma das feiras lugar de comercialização dos produtos agrícolas familiares é localizada ao lado do mercado central de Parintins, que abriga diversos produtores rurais, sobretudo mulheres agricultoras e pescadoras de camarão, que realizam uma travessia diária pelo rio Amazonas, no intuito de realizar a comercialização de sua produção.

Para entendimento da organização agrícola de mulheres feirantes, foram realizadas entrevistas com seis delas, procurando compreender o seu cotidiano tanto na área da comunidade quanto na travessia do rio e na feira da cidade. As mulheres entrevistadas são moradoras de comunidades rurais. Em relação a sua residência atual, 05 (cinco) destas residem na Comunidade da Brasília e somente 01 (uma) na Comunidade do Santo Antônio do Catispera.

Para descrever o cotidiano e formas de produção intrínsecas a este, vamos organizar os relatos por meio de fases diárias vivenciadas por estas mulheres, tendo por base a sequência lógica de atividades desempenhadas por estas, preponderante em todas as falas analisadas.

O DESPERTAR...

O cotidiano das mulheres agricultoras/feirantes inicia com o despertar toda manhã, a higienização, o preparo da refeição matinal e o alimentar-se para iniciar as atividades da unidade familiar. O despertar destas mulheres começa pela madrugada, visto que as demandas diárias são diversas e é preciso organizá-las para que tudo saia de acordo, como enfatizam as entrevistadas.

Eu acordo 03 da manhã, ai eu vô tomar meu banho, faço café, quando não é eu é ele (esposo) que faz, precisamos do nosso cafezinho, porque aqui no mercado pra gente comprar é 5 reais só um poquitinho e um pãozinho, então a gente já traz de casa que nós toma a vontade quantia que quer né (MARIA 02, Pesquisa de Campo, 2018).

Percebemos a lida diária compreendendo o acordar logo as 03 horas da manhã, ainda madrugada. É preciso tomar uma série de providencias e o café é estratégia para

ajudar no despertar e criar energia para o dia que está iniciando. A responsabilidade do preparo do matinal alimento é de todos da unidade familiar, podendo ser a mulher, o esposo ou demais familiares que estiverem presentes na organização das tarefas do dia.

Há o tempo para levantar da rede, tomar o banho, fazer o café, carregar todos produtos para o barco, então não há tempo a perder e todos precisam cumprir suas tarefas por menor que elas sejam.

A TRAVESSIA...

Com o termino de organização e carregamento dos produtos para levar a cidade, as mulheres se dirigem a beirada para realizar a travessia ao outro lado – a cidade de Parintins, chegando no destino almejado. Como afirmam as entrevistadas a seguir,

ai 4 horas a gente já sai, atravessa o rio amazonas de barco... hoje nós atravessamos cedo porque a gente não sabia direito o lugar novo que ia ficar, ai amanhã acho que a gente vem mais tarde um pouco...(MARIA 03, Pesquisa de Campo, 2018).

Todas as mulheres pesquisadas relatam sair em horários próximos, durante as 4:00 horas com limite até as 05:00 h da manhã, de suas comunidades. Como vivem em localidades próximas o trajeto é o mesmo sentido, chegando a durar cerca de 40 a 50 minutos até aportar na cidade. As embarcações utilizadas no transporte destas mulheres são dois tipos, *rabeta*⁷ ou barco de pequeno porte.

Ao chegaram a cidade, organizam o ponto de venda, iniciando o comércio por volta das 06:00 h. Em torno das 11:30, até 12:00 horas, arrumam seus materiais, realizam compras de alimentos e outros produtos necessários, pagam as contas, entre outras atividades possíveis somente na área urbana.

Após cumpridas todas as tarefas retornam aos barcos, singram o rio, com a chegada nas comunidades por volta das 13:00 horas. Nesta dinâmica de idas e vindas, o rio é componente fundamental no viver destas mulheres.

Atravessar o rio é uma atividade realizada de segunda a sábado por estas mulheres, intrínseco a suas ações diárias, indo para além de um meio de transporte. Os movimentos

⁷ Pequeno motor de propulsão que, acoplado na traseira de pequenas embarcações ou barcos, é conduzido manualmente, com a ajuda de um bastão que determina as direções. Disponível em: (<https://www.dicio.com.br/rabeta/>).

de enchente/cheia/vazante/seca estão ligados ao ser e viver regional, o habitante das localidades de várzea tem proximidade maior com estes períodos, refletindo em todos os contextos.

O PLANTAR...

No retorno para as comunidades, as mulheres almoçam com suas famílias, num intervalo rápido, com um descanso estipulado entre 30 a 40 minutos, o necessário para iniciar um momento elementar nas atividades produtivas, o cuidado e cultivo agrícola. O local utilizado para desenvolver a agricultura é de propriedade da família destas mulheres, onde todos têm sua moradia, e desenvolvem as atividades produtivas que irão alimentar e gerar renda monetária.

Questionadas sobre os principais cultivos desenvolvidos, as entrevistadas relatam que não tem foco em um ou duas espécies, mas sim uma diversidade de cultivos, em acordo com a disponibilidade e acesso, como suscitado na fala de Maria 01 “Tem a macaxeira, o milho, a banana, o maxixe, essas verdura tudinho aqui que tu vê, tomate, cheiro verde, pimenta cheirosa, jambú, couve, maracujá e de tudo um pouco” (Pesquisa de Campo, 2018).

Um leque de espécies cultivadas foi citado nas entrevistas, destaca-se a presença marcante da melancia (*Citrullus lanatus*), do cheiro verde ou cebolinha (*Allium fistulosum* L.), o milho (*Zea mays* L.) e a macaxeira (*Manihot esculenta* Crantz). Essas espécies de cultivos são fortemente encontrados em áreas de várzeas.

De acordo com os estudos de Noda et al. (2007), a presença de uma variedade de cultivos nas áreas de várzea é comum em ambiente amazônico, sobretudo nas roças ou quintais. A diversidade de variedades é promotora de uma organização espacial, uma expressão de biodiversidade e sociodiversidade. Os policultivos, realizados pelas participantes da pesquisa, refletem a complexidade das interações nos ambientes de várzea.

Frente a necessidade de manter a produção em todos os períodos, estas mulheres tendem a formular estratégias em acordo com a diversidade de espécies e cultivos. Como evidenciado em suas falas, a organização de uma temporalidade para cada espécie se faz necessário.

Os cultivos de balcão também são caracterizados como parte estratégica essencial em suas produções. Conhecidos também como cultivos em canteiros suspensos, é um componente que proporciona diversificação e ampliação da capacidade produtiva, em geral é ocupado pelas hortaliças (NODA et al., 2007), como a cebolinha, couve, pimenta cheirosa, dentre outras já mencionadas na pesquisa.

Concernente aos participantes deste processo produtivo, as mulheres relatam a participação da família em todos os momentos. Havendo a distribuição de atividades em acordo com a disponibilidade, idade, gênero e número de componentes neste grupo ou domicílio.

A agricultura familiar tem sua força motriz na participação de todos os membros da família, em todas as fases dos processos que compreendem a produção (LAMARCHE, 1998). O grupo doméstico destas mulheres é composto por diversas gerações, como o pai, mãe, avós, sobrinhos, filhos, conjugues e netos (NODA et al., 2007).

As estratégias de plantio das agricultoras de várzea estudadas não envolvem nenhum tipo de agrotóxico ou componente químico que possa modificar o processo de crescimento das espécies. Segundo estas, o uso destes componentes pode afetar a qualidade da produção agrícola.

As formas naturais de tratamento da terra e plantio são preservadas pelas agricultoras, andando na contramão das ações e propostas poluentes da Revolução Verde, que primam pela inserção de fertilizantes e alterações genéticas em vista de alcançar a superprodução. Neste sentido, as entrevistadas promovem atividades agrícolas tradicionais, respeitando o ambiente e sua conservação.

As mulheres participantes mostram-se totalmente atreladas aos princípios da agroecologia, mesmo que não tenham domínio deste estilo agrícola. Suas formas de atuar - a sua práxis produtiva - reproduzem preceitos agroecológicos, dentre eles: agriculturas de base familiar, maior estabilidade da produção, sustentabilidade, circuitos de comercialização curtos, destaque aos saberes tradicionais, pluriatividade e garantia da segurança alimentar (SILIPRANDI, 2009).

A pesca atividade produtiva também desempenhada pelas entrevistadas é realizada em períodos específicos do ano em acordo com as espécies e ciclo das águas. Silva (2015) traz as relações de agricultura e pesca como atividades mantenedoras da cultura e identidade, imprescindíveis para manter e reforçar a identidade cultural e suas

relações com o ambiente de várzea. Observamos que as entrevistadas são inseridas nestas atividades produtivas desde cedo, e levam técnicas e ações para as relações de seus grupos familiares.

Frente as possibilidades de venda e auferir renda para o grupo familiar, é dado a estas mulheres a possibilidade da divisão da produção agrícola, no entanto todas as entrevistadas são enfáticas em afirmar que a prioridade é pelo consumo do grupo familiar. Uma das características da agricultura de caráter familiar é a produção voltada primordialmente para atender as necessidades de subsistência dos componentes deste grupo.

O ORGANIZAR E DESCANSAR...

Com o termino das atividades agrícolas e/ou pesca, as mulheres organizam seus produtos para venda na feira no dia seguinte, colhendo o que já está apto para consumo. Este processo é realizado geralmente no fim da tarde. Neste sentido, Maria 03 descreve: “ai quando chega a noite só já e pra descansar, porque amanhã cedo tem que acordar pra vir vender de novo...”. O descanso no final do dia é acompanhado pelo janta, com todos os membros da família, momento onde há conversas e organização das atividades para o próximo dia.

As atividades produtivas das mulheres agricultoras são desenvolvidas durante a semana, de segunda à sábado. No domingo, geralmente é o momento de descanso determinado para a família, onde podem organizar atividades de lazer, almoços em família, jogos de futebol, acompanhar os programas de rádio, conversas na varanda das casas e encontros da comunidade “Dia de domingo eu não venho, é algum domingo que a gente vem, mas é ralado quando vem, venho mais de segunda a sábado, porque domingo eu já tiro pra ir pra igreja, dar uma descansada” (MARIA 02, Pesquisa de Campo, 2018).

A atividade religiosa, é colocada como prioritária, em especial neste dia da semana, onde na Igreja de cada comunidade ocorre o culto pela parte da manhã. Logo após é realizado um espaço de encontro dos comunitários, para deliberar sobre necessidades da comunidade, festas dos santos padroeiros, bingos, arrecadações, dentre outras ações desenvolvidas pelos interessados. Somente após participar deste momento espiritual e de organização comunitária podem pensar nas demais atividades de lazer em família.

CONCLUSÃO

Nesta análise da organização produtiva agrícola, vemos a interação da família enquanto um sistema, fundado em torno de suas necessidades de sobrevivência e movimentado pelos componentes deste grupo. O trabalho em interação continua com a natureza é caracterizado como uma relação dialógica entre o ser e ambiente, como produtos e produtores deste complexo sistema.

As mulheres desenvolvem suas relações sociais, culturais e produtivas em continuo diálogo com as águas, cultivos, animais, e o todo a sua volta. O ser mulher tem o ritmo de vida desenvolvido com o ciclo das águas, em um movimento de ordem e desordem que gera concomitantemente a organização, não somente de si, mas em associação com sua família.

É primordial destacar a base central da agricultura familiar, o movimento de participação de todos os componentes do grupo, nas diversas atividades dispostas, evidenciando a solidariedade ligada a organização das famílias no campo agrícola. Quando um deixa de fazer sua atividade gera-se uma desordem/desorganização, o que pode afetar toda unidade familiar, gerando sobrecarga de trabalho aos demais.

Por este motivo, a práxis produtiva é uma atividade coletiva; enquanto organização deste sistema gerado no trabalho, é mola propulsora para desenvolver a participação conjunta de todos participantes do sistema produtivo. Em especial o ser mulher agricultora, como atora social em evidência na agricultura familiar.

REFERÊNCIAS

ADAMS, C.; MURRIETA, R. S. S.; SANCHES, R. A. Agricultura e Alimentação em Populações Ribeirinhas das Várzeas do Amazonas: Novas Perspectivas. Revista Ambiente & Sociedade – Vol. VIII nº. 1. jan./jun. 2005.

CARMO, R. B. A. A questão agrária e o perfil da agricultura brasileira. Revista Bahia Agrícola, nº 4(1), p.27-32, 2000.

CHAVES, M. P. S. R.; RODRIGUES, D. C. B. Organização sociocultural e tecnologias sociais no trabalho das mulheres amazônidas. Manaus: EDUA, 2016.

DÁCIO, D. S.; NODA, S. N.; SILVA, A. I. C. Estratégias de conservação ambiental e dinâmica de paisagem nos lagos do Paru e Calado, Manacapuru, AM. In: NODA, S. N.



& MARTINS, A. L. U. Agricultura Familiar no Amazonas: assessoramento participativo, vol. 2. Manaus, AM: Wegá, 2013.

FEARNSIDE, P. M. Agricultura na Amazônia, Tipos de Agricultura: padrão e tendências. Cadernos NAEA 10: 197-252. Núcleo de Altos Estudos Amazônicos (NAEA), Universidade Federal do Pará: Belém, 1989.

GARCIA, Lorely. **Meio ambiente e gênero**. São Paulo: Editora Senac, 2012.

LOURENÇO, F. S. Et al. Ambiente e agricultura: uso da terra pela Agricultura Familiar e modificações na paisagem no município de Itacoatiara. In: NODA, S. N. & MARTINS, A. L. U. Agricultura Familiar no Amazonas: assessoramento participativo, vol. 2. Manaus, AM: Wegá, 2013.

LUKÁCS, G. Ontologia do Ser Social I. Tradução por Carlos Nelson Moutinho, Mário Duayer e Nélio Shneider. São Paulo: Boitempo, 2012.

MARTINS, José de Souza. Ímpares sociais e políticos em relação à reforma agrária e a agricultura familiar no Brasil. Santiago Chile, 1999.

MAZOYER, Marcel; ROUDART, Laurence. **História das Agriculturas no mundo**: do neolítico à crise contemporânea. São Paulo: Editora Unesp, 2010.

MESQUITA, Lívia Aparecida Pires de. O papel das mulheres na agricultura familiar: a comunidade Rancharia, Campo Alegre de Goiás. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Goiás, Campus Catalão, 2013.

MORIN, Edgar. O método 1: a natureza da natureza. 2ª ed. Porto Alegre: Editora Sulina, 2008.

MURANO, Rose Marie; BOFF, Leonardo. Feminino e Masculino: uma nova consciência para o encontro das diferenças. Rio de Janeiro. Editora Record, 2010.

NETTO, J.P; BRAZ, M. Economia política: uma introdução crítica. São Paulo: Cortez, 2006. (biblioteca básica de serviço social; v.1)

NEVES, E. “O Velho e o Novo na Arqueologia Amazônica”. Revista USP. 44: 86-111, 2000.

NODA, S. N. Et. al. Principais características dos sistemas de produção agrícolas das comunidades ribeirinhas e do abastecimento do município de Pauini. In: NODA, Sandra do Nascimento. (Org.). Agricultura familiar na Amazônia das Águas. Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2007.

PACHECO, M. E. L. Sistemas de Produção: uma perspectiva de gênero. Revista Proposta. Rio de Janeiro, v. 25, n. 71, p. 30-38, dez./fev. 1997.

SILIPRANDI, Emma. Mulheres e Agroecologia: a construção de novos sujeitos políticos na agricultura familiar. 2009. Tese. (Doutorado em Desenvolvimento sustentável)



III Seminário Internacional em
Sociedade e Cultura na Pan-Amazônia
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Manaus (AM), de 21 a 23 de novembro de 2018



Programa de Pós- Graduação Desenvolvimento Sustentável, Universidade Brasília – UNB. Brasília, 2009.

SILVA, Sandra Helena da. Autopoiiese nos Agroecossistemas das Ilhas de Valha-me-Deus e Chaves – Juruti/ PA. 2015. 237f. Tese (Doutorado em Ciências do Ambiente e Sustentabilidade na Amazônia) – Universidade Federal do Amazonas, Manaus. 2015.

SIMONIAN, Ligia T. L. Mujeres y conocimientos ancestrales em la Amazonia, Brazil. In: FRAXE, Therezinha de Jesus Pinto; WITKOSKI, Antônio Carlos; CASTRO, Albejamare Pereira (Org.). Amazônia: cultura material e imaterial. São Paulo: Annablume, 2012.

TEDESCO, João Carlos (Org.). Agricultura familiar: Realidades e perspectivas. 2ª ed. Passo Fundo: EDIUPF, 1999.

TORRES, Iraildes Caldas. O ethos das mulheres da floresta. Manaus: Editora Valer, 2012.

WANDERLEY, M. N. B. Prefácio In: CARNEIRO, M. J.; MALUF, R. S. (Orgs.) Para Além da Produção: Multifuncionalidade e Agricultura Familiar. Rio de Janeiro, MAUAD. 2003.